



EDITORIAL

LITERATURA CONTEMPORÂNEA E CRISE BRASILEIRA

A crise política, econômica e social que vem se agravando no Brasil ao longo da última década parece ainda distante do fim. Isso amplifica a dificuldade de mapear com clareza os seus contornos, suas inúmeras causas e imprevisíveis desdobramentos, o que não torna menos urgente a tarefa de refletir sobre os atuais desacertos do país. Como não poderia deixar de ser, o contexto de pandemia, a instabilidade política, o aumento da pobreza, a devastação ambiental e os retrocessos na área cultural vêm afetando de várias maneiras a produção artística recente.

Por um lado, é possível identificar nessa produção contemporânea um forte anseio de intervenção, manifestado sob a forma de resistência e de denúncia, intensificando a sua carga política e a emergência de projetos coletivos (antologias, movimentos, manifestos). Por outro lado, proliferam, na mesma medida, formas artísticas que abrigam um cenário de ruína, atravessadas pela melancolia, incorporando uma atmosfera de perplexidade, desânimo e exaustão diante de uma realidade acachapante. Seja na figuração de subjetividades à deriva, em um país que escapou pelos dedos, ou numa inusitada efervescência de poéticas engajadas, o peso da crise na expressão literária mostra-se crucial para a reconfiguração do campo, abrindo-se a interpretações plurais.

Visando contribuir com essas discussões, este número 19 da *Revista Jangada* oferece aos nossos leitores reflexões acadêmicas que voltam seu olhar crítico para a produção literária contemporânea a partir desse quadro geral de instabilidade, medo e revolta. A chamada de trabalhos acolheu pesquisas que analisam o impacto material da crise brasileira no sistema literário nacional, decorrente, por exemplo, do corte sistemático de recursos para a área cultural, dos discursos oficiais de carga anti-intelectual, da censura (velada ou explícita), bem como na constituição de tendências literárias específicas e projetos coletivos.



Do mesmo modo, participam do escopo deste número a leitura de obras artísticas produzidas no atual contexto e que fazem alusão, ainda que em chave alegórica ou satírica, a eventos históricos recentes, ora estabelecendo comparações com repertórios de outros países, ora lançando contrapontos com outros momentos da história brasileira, como a herança colonial ou os ecos da ditadura militar (1964-1985). As contribuições articulam teorias diversas e conceitos fundamentais para a compreensão do tempo presente, como crise, melancolia, violência, resistência e trauma, sublinhando sua pertinência e produtividade para o estudo da literatura brasileira contemporânea.

O dossiê é aberto com o artigo **Espólios violentos: a transmissão transgeracional da ditadura militar no romance brasileiro do século XXI**, de Lua Gill da Cruz. O texto parte de um fecundo diálogo com a literatura e o cinema chilenos e argentinos, países nos quais o “giro geracional” das memórias das ditaduras militares inspirou volumoso acervo de obras e estudos críticos. No trabalho de Cruz o foco recai sobre a elaboração memorialística dos filhos de perpetradores de violências cometidas em nome desses regimes, chamando atenção para a culpa, a vergonha e a fratura identitária que é a tônica de suas inserções no debate público. A autora indaga-se como a elaboração simbólica empreendida pelos descendentes de torturadores e/ou colaboradores da ditadura brasileira pode se dar em um país que não levou ao banco dos réus os carneiros do regime; país no qual predomina, portanto, o silêncio da impunidade, acobertando memórias coletivas e privadas relacionadas à elaboração desse passado. O cerne da análise volta-se para os romances *O corpo interminável*, de Claudia Lage, e *O amor dos homens avulsos*, de Victor Heringer, demonstrando como essa memória da segunda geração, ou pós-memória, é dramaticamente elaborada nas obras.

O segundo artigo do dossiê se intitula **Poesia e precariedade: os possíveis e a política do contemporâneo**, de Maurício Gutierrez Chamarelli. O autor parte do clima de abatimento, aflição e revolta que se instaurou no Brasil durante as eleições de 2018 para refletir sobre a relação antiga, e sempre intrincada, entre poesia e política. O nó de sua reflexão se dá no exame da simultânea fragilidade e potência que paira sobre as investidas da poética no âmbito social: ora a sensação de debilidade da palavra como forma efetiva da transformação do mundo, ora a consciência de que a simples (r)existência do poético num mundo dominado pela técnica e pela violência é, em si, um gesto político inconformista. Em diálogo com a poesia de Simone Brantes e Laura Liuzzi, e com apoio de um referencial teórico no qual se destacam Maurice Blanchot, Iumna Simon, Judith Butler e Jacques Rancière, o ensaio de Chamarelli desdobra a precariedade



do testemunho poético contemporâneo, cujo horizonte de atuação política faz pulsar “a figura de uma relação mútua fundada na pouquidade, na pequenez.”.

Na sequência, contamos com o ensaio **Estéticas insurgentes: produções artísticas no Brasil contemporâneo**, de Milena Guimarães Andrade Tanure. Há no texto um potente entrecruzamento de diferentes manifestações artísticas (fotografia, performance, poesia, cinema) ligadas entre si pelo anseio de insurgência contra a barbárie tornada cotidiano em nosso país. Mantendo a paisagem urbana de Salvador como pano de fundo temático, biográfico e alegórico de sua reflexão, a autora examina como diferentes linguagens estéticas enfrentam as atrocidades que recaem sobre a cidade baiana, e, por extensão, sobre o Brasil e o mundo. Do vazio distópico decorrente da pandemia de COVID-19 à precariedade das construções que se alastram pelas periferias urbanas, o ensaio enlaça olhares plurais sobre o papel da arte em ocupar espaços, animando outras formas de relação com o tempo presente e suas inquietações.

O dossiê é concluído com o artigo **Memória, história e resistência no romance Írisz: As orquídeas, de Noemi Jaffe**, escrito por Gisele Novaes Frighetto e Bruno Nunes da Silva, no qual os intérpretes se apoiam na noção de testemunho – a partir dos estudos de Márcio Seligmann-Silva, Jaime Ginzburg e Jeanne Marie Gagnebin – e no conceito de desterritorialização, de Nestor Canclíni, para analisar o romance *Írisz: As orquídeas*. Segundo Frighetto e Nunes da Silva, o “romance de Noemi Jaffe pode ser encarado enquanto objeto literário que se assemelha à proposta benjaminiana de romper com o *continuum* de uma história linear”. A análise enfatiza a construção da protagonista, uma mulher imigrante, atordoada pelas memórias brutais da repressão comunista em sua Hungria natal, cujo trauma se atualiza no presente de violência decorrente da ditadura militar que assolava o Brasil que a acolheu. Assim, o percurso crítico vai esclarecendo como a forma do romance incorpora tais fraturas históricas e pessoais, “vindas de um corpo e de uma subjetividade traumatizados que necessitam, por meio da linguagem, exprimirem cisões em seu mundo interior”.

A seção Vária traz também quatro contribuições. O artigo **A inflexão neoclássica e a poesia social em Rosa de Pedra (1953), de Zila Mamede**, escrito por Luana Borges Scarpini de Brito e Joelma Siqueira, traz uma minuciosa apresentação crítica da poeta e intelectual potiguar Zila Mamede, destrinchando as principais facetas da autora, como o diálogo com a geração modernista e sua adesão pessoalíssima aos princípios da chamada Geração de 45, além da relação entre o universalismo dos símbolos e o chão social em que se apoia sua obra poética.

Em **Aspectos da pedagogia modernista de Mário de Andrade na correspondência com a vanguarda argentina**, Erorci Ferreira Santana aborda um aspecto ainda pouco



explorado dentro da monumental produção epistolar de Mário de Andrade: sua correspondência com escritores hispano-americanos. Apresentando e discutindo as cartas trocadas entre Mário e o escritor argentino Luis Emilio Soto, o artigo indica a convergência entre o projeto pedagógico vanguardista/modernista assumido pelos dois intelectuais, indicando pontos de contato entre o modernismo brasileiro e as vanguardas da América Latina.

Finalizando a seção *Vária temo*s o trabalho ***Alice no país de Gil Vicente, de Catarina Barreira de Sousa: un prolongement de l'univers théâtral de Gil Vicente par le roman de fantasy***, escrito por Phillippe-Alexandre Gonçalves. O autor explora o modo como o romance de Catarina Barreira de Sousa faz uma retomada inovadora e lúdica do teatro de Gil Vicente, mobilizando a estrutura dramática e a tradição humanista portuguesa para constituir sua narrativa de fantasia, destinada tanto para o público juvenil, como para os conhecedores da obra vicentina.

Por fim, o artigo ***Pensar sem margem: o olhar da criança em Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa***, escrito por Nuno Brito, centra-se na forma como o olhar da criança se manifesta no célebre livro de contos escrito por Rosa, demonstrando como essa perspectiva possibilita um olhar revitalizador da realidade, inseparável também de uma experiência e concepção renovadora da língua e da sua plasticidade.

O presente número da *Revista Jangada* conta também com a resenha ***Felicidade obscena: literatura de autoria feminina na Amazônia***, de Dayse Rodrigues dos Santos, e o registro de um debate com a escritora Patrícia Melo, intitulado ***De uma literatura sobre a violência: um debate com a escritora Patrícia Melo***, conduzido por Camila Wielmowicki e Sergio Schargel, o qual retoma e amplia diversas questões culturais, políticas e artísticas presentes nos artigos do dossiê.

Acreditamos que os trabalhos aqui reunidos abrem frentes de reflexão para o estudo dos caminhos trilhados pela arte brasileira no contexto nevrálgico que vivemos. Com rigor analítico, os textos incorporam as hesitações e os dilemas decorrentes da matéria que abordam, testando fronteiras entre os gêneros acadêmicos, artísticos e o testemunho de época. Desejamos a todos e todas uma leitura agradável e proveitosa.

Fabíola Padilha (UFES)
Marcelo Ferraz (UFG)
Editores deste número